

## Índice

Introdução	9
A Avó Maria	15
A Minha Mãe: o Segredo	65
A Minha Mãe: os Novos Tempos	129
Epílogo	175
Esquema Genealógico	187
Agradecimentos	189

A Avó Maria

No quintal da casa da minha avó havia uma cerejeira. Todos os anos, na altura devida, a minha irmã e eu íamos até à Rua Nova de S. Mamede, em Lisboa, a fim de colhermos os frutos por nós tidos como os melhores do mundo. Tudo naquela casa nos encantava, desde as bolachas de baunilha, escondidas numa caixa de porcelana da Vista Alegre, até aos vestidos que para nós a avó comprava.

A minha avó também se divertia, fazendo-nos caracóis com uns ferros quentes que, à época, se usavam. Quando nos visitava, trazia sempre, na carteira, bombons que eu devorava às escondidas da minha mãe. Mais importante é o facto de em 30 de Janeiro de 1948 me ter oferecido uma lindíssima caneta de oiro, comprada na melhor ourivesaria da capital, Leitão & Irmãos. Apressei-me logo a escrever o meu nome e a data no *Livro do Bebê* que a minha mãe fora buscar<sup>1</sup>. Pelos vistos, aos cinco anos já conhecia as letras do alfabeto.

Se descontar a de minha mãe, a minha mais antiga recordação é a desta mulher. As minhas amigas tinham avós que se assemelhavam a múmias: a minha parecia uma actriz de cinema. O seu aspecto físico era a tal ponto excepcional que podia chocar. Quando, teria eu cinco anos, ela me foi buscar ao colégio, não foi o

1 *Livro do Bebê*, Lisboa, Papelaria da Moda, s/d, com ilustrações de Raquel Roque Gameiro.

*tailleur* azul-escuro que me inquietou, mas o turbante de seda prateado. Era difícil imaginar que aquele ser que aparentava 30 anos — na realidade tinha 46 — pudesse ser avó de alguém. Sentindo que havia nela qualquer coisa desadequada, corri em sua direcção, a fim de não ter de dar explicações às minhas colegas. Mas isto só sucedeu uma vez. Em geral, orgulhava-me dela.

Era, de resto, a única avó que reconhecia. Há registos dos berros, por mim emitidos, de cada vez que, em Águas Belas — a aldeia do meu avó paterno — queriam que eu chamasse avó a uma senhora de carrapito envergando um fato escuro. Levei anos antes de pronunciar o nome da avó Emília. Foi aliás tudo o que, antes de morrer, de mim levou. O meu afecto ia, em exclusivo, para a avó Maria. Quando aprendi a escrever, as minhas primeiras cartas foram para ela.

A minha mãe sempre pretendeu que não haviam sido muitas as noites por mim passadas em sua casa, mas há provas em contrário. Quando os meus pais iam viajar, era com ela que me deixavam. A circunstância de não existir um homem lá em casa nunca me espantou. Acreditava que o marido dela morreria. Aliás, o assunto pouco me interessava. Em vez de um esposo, a minha avó tinha uma mulher-a-dias, a Núncia (abreviatura de Anunciação), uma troca mais do que aceitável, uma vez que, vivendo no Jardim Botânico, onde o marido trabalhava como jardineiro, era para lá que me levava sempre que eu lhe pedia.

Quanto aprendi a escrever, as minhas primeiras cartas foram para a minha avó Maria. De Águas Belas, a aldeia onde nascera o meu pai, dirigia-lhe pequenas missivas. Contava-lhe que, acima de tudo, gostava de subir às árvores. Tantas vezes o fiz que acabei por arranjar feridas nas pernas, o que pouco me importava, visto ter orgulho em exhibir as crostas que resultavam do exercício. Claro que isto só era possível na ausência da minha mãe. De início, ela ainda ficava ali connosco, mas, como detestava o campo, acabava por preferir voltar com o meu pai para Lisboa, deixando-nos entregues a duas tias solteiras que não tinham experiência nem vontade de vigiar crianças.

Vezes sem conta a minha mãe contaria à minha avó a desolação daquela vida rural. Depois de se queixar de eu continuar magríssima — o que, na sua opinião, derivava de ali não existirem mercearias decentes — obrigava-me a beber uns horrendos sumos de tomate seguidos de umas enjoativas gemadas, após o que relatava à sua mãe o que, no meio de uma fúria, eu, tendo quatro anos, lhe dissera: «Olha, mãe, deixa estar que, eu chegando a Lisboa, vou contar tudo à minha avó. E olha que não me hei-de esquecer de nada.»<sup>2</sup> Adiante, relatava outra gracinha da primogénita. Tínhamos ido todos — mãe, pai e Isabel — até ao Zêzere, um rio que ficava perto. A certa altura, a Isabel, a filha dócil, fora junto da mãe para lhe dizer que gostava muito dela, após o que eu, virando-me para as duas, teria afirmado: «A mãe é doida.» O meu pai ralhou-me, tendo eu acrescentado de imediato: «É doida, sim, doida pelas filhas.» A mãe contava isto à avó Maria, acrescentando que tudo havia terminado entre risadas, mas não se coibia de notar: «Realmente um remate destes para uma criança de 4 anos é um pouco de admirar.»<sup>3</sup>

No fundo, eu detestava aquela aldeia tanto quanto ela. Aos três anos, no meio de várias letras maiúsculas, eis como referia à avó Maria a mãe do meu pai: «É muito rabugenta.»<sup>4</sup> Pelos vistos, eu era uma menina precoce, o que coincide com uma informação mais tardia, desta vez do meu pai: teria seis anos quando ele me encontrara, na sala, a tentar decifrar, numa edição minúscula, os versos iniciais do I Canto de *Os Lusíadas*. A história parece-me tanto mais estranha quanto os meus pais jamais se tinham preocupado em transformar-me numa criança-prodígio. Talvez eu tivesse sido atraída pela liliputiana dimensão do livro.

Aos sete anos, eis o que, ainda de Águas Belas, eu dizia à minha avó num papel de carta infantil encabeçado por bonecos: «Já

2 O facto de a minha mãe ter usado o «tu» para descrever o que eu dissera é estranho. Tanto quanto a minha memória alcança, sempre a tratei, como aliás ao meu pai, na terceira pessoa do singular.

3 Mãe para a avó, 9.4.1947.

4 Mena para a avó, 21.5.46. A minha avó materna morreria em 1950, no mesmo ano aliás que o meu avô.

sei que a avó está em Pinhel muito contente. E pergunto se levou o periquito e se a avó e o Augusto [a minha avó casara-se no ano anterior] vão passado [sic] bem. (...) E o Augusto já caçou muitos coelhos? Adeus, avó, muitos beijos da Isabelinha e da Mena.» Dentro do sobrescrito, ia a lista dos presentes que pretendíamos que a avó nos desse no Natal. Eu queria «9 cadernos e lápis de cor e 1 lápis preto, uma caneta, uma boneca e um enxoval», acrescentando que a Isabel desejava «uma boneca arranjada e um carrinho com rodas, umas botinhas, um vestido e uma toquinha de lã e um carrinho com capota»<sup>5</sup>.

Pouco a pouco, fui-me resignando a ficar em Águas Belas durante algumas semanas nas férias de Verão. Continuaria a escrever à minha avó, relatando-lhe o quotidiano: uma ida às vinhas, pulos na cama e banhos no tanque de cima. Era patente que a única coisa de que realmente gostava era da festa anual, com a sua banda, a sua procissão e os seus foguetes. Nessa altura, a avó mandava-me sempre 20\$00 (vinte escudos) para eu poder comprar rifas na quermesse, uma actividade por mim considerada excitante, pois esperava sistematicamente obter o melhor objecto ali exposto. Contudo, o que mais me deslumbrava era o fogo-de-artifício, visto, à noite, da enorme varanda do 1.º andar da nossa casa (os terrenos adjacentes destinados à construção da igreja haviam sido doados pela minha família). Um ano houve, em que por não estar lá a minha mãe — nesse ano nascera a sua última filha — consegui integrar-me no cortejo das oferendas, o que ela proibira, suponho que por não desejar que tivéssemos contactos com os filhos dos camponeses. Em 1953, feliz que nem um cuco (os cucos serão felizes?), entrei na procissão, levando na cabeça uma fogaça onde, como relatava à avó, transportara uma «bilhinha» com azeite<sup>6</sup>.

Quando tinha 13 anos, relatava-lhe como decorrera uma peça de teatro por mim escrita, por mim encenada e por mim repre-

5 Mena para a avó, 2.10.1950.

6 Mena para a avó, c.1953.

sentada, ao lado das minhas irmãs, do meu irmão e de uma prima que passara a viver connosco depois de os pais terem voltado para o Brasil. Eis o programa: 1.º acto: «As Duas Manas» (em que se fazia troça das tias); o 2.º intitulava-se «Criada Precisa-se»; o 3.º «Um Barrete Verde»; o 4.º «Por causa de um Periquito?»; o 5.º «*Fait Dodo*»; e o 6.º «Prestidigitação». O público era composto pelas tias e pelo pessoal doméstico. Tudo teria corrido perfeitamente, não fora, a meio, a Isabel se ter posto a rir como uma tonta<sup>7</sup>.

No final desta carta, contava-lhe outra aventura. Com o dinheiro que a avó me tinha mandado, comprara alguns ovos que estavam a ser chocados pelas galinhas da nossa quinta e que se destinavam a ser por mim vendidos no mercado semanal de Ferreira do Zêzere. Terminava, relatando que o periquito, que tínhamos trazido de Lisboa, andara fugido, mas que reaparecera, estando, no momento, sentado em cima da minha cabeça. Uns dias depois, após lhe ter agradecido a nova dádiva de 20\$00, relatava um novo divertimento: andar de carroça: «Às vezes, somos nós que vamos a guiar, mas quando é com a outra burra, que é mais bravia, temos que ir com um homem.» Dizia-lhe que gostara da festa local, com um senão: «De manhã, houve missa cantada, muito mal cantada pelos músicos.»<sup>8</sup>

Uma vez em Lisboa, continuei a ir a casa da avó, que, entretanto, já havia regressado de Pinhel. Curiosamente, nunca me interoguei sobre a razão que a levava a não ir connosco à missa, tanto mais que a igreja de S. Mamede ficava ao lado de sua casa, mas o facto não tinha para mim qualquer importância. Uma vez que no Verão a minha família passava agora mais tempo em Cascais, onde as actividades eram múltiplas, seguiu-se um hiato na nossa correspondência. Em 1959, além de mencionar os divertimentos com os rapazes e com as raparigas do grupo formado com base na «Parada» de Cascais, dizia-lhe estar a frequentar o 7.º ano

7 Mena para a avó, 9.8.1956.

8 Mena para a avó, 12.9.1956.